

Suplemento Cultural

Cícero e a palavra

Os homens serão absolvidos ou condenados pelas palavras que tiverem dito

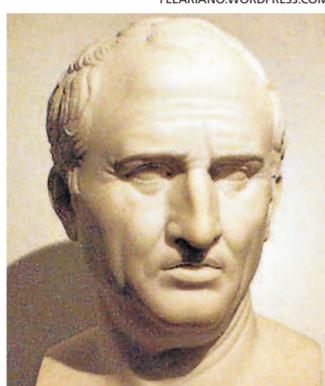
RAQUEL NAVEIRA

As palavras estão carregadas de dinamite. Ninguém provou tanto esse poder quanto Cícero, o filósofo, orador, político e advogado da antiguidade romana. Em minhas duas formações acadêmicas, Direito e Letras, deparei-me com ele, com sua figura de toga branca e cabeça coroada de louros, com seus ensinamentos. Posso imaginá-lo na tribuna com sua mente versátil, seu poder de convencimento, sua retórica de mestre.

O tratado que Cícero escreveu sobre a amizade é uma das mais belas páginas que li. Lições que me têm acompanhado como estímulo e conforto em várias situações. Não é lindo ponderar que as coisas humanas são frágeis e perecíveis, que devemos procurar amigos a quem amemos e pelos quais sejamos amados? Que sem amizade e sem bondade a vida não tem prazer algum? Que devemos suportar todos os sofrimentos porque eles são breves, mesmo quando são difíceis? Que sem virtude a amizade não pode existir? Que consolo é cultivar amizades. Fiz sempre de meus alunos grandes amigos. Busquei também a amizade dos meus pares, os escritores, vivos ou mortos, como fonte de eterna afeição. Desejei ardentemente atingir a

meta em companhia daqueles que seguiram a carreira das armas, que são as letras.

Impressiona a forma como Cícero lutou pelo ideal das leis e do estado de Direito. Durante a segunda metade caótica do século I a.C., marcada pelas guerras, pela ditadura de Júlio César, pelo tumulto político, pela confusão civil, pela infraestrutura minada de corrupção que sabotava a liberdade, Cícero tentou salvar com todas as forças esse valor fundamental da República. Perseguiu de forma implacável os traidores, os inimigos da democracia, procurando derrubar as conspirações com seus discursos inflamados. Um desses inimigos foi Catilina. As célebres “catilinárias” são até hoje exemplos estupendos de como se faz um libelo, ou seja, uma peça de acusação capaz de deixar opositor encurralado. Cícero enumera os excessos de Catilina e seus seguidores, denuncia seus simpatizantes como patifes e ladrões. E quando pairava alguma dúvida, na sua autoridade como cônsul do Senado, utilizava de um recurso infalível: perguntas. Uma torrente de perguntas já contendo em seu bojo as evidências e as respostas. Vejo-o bradar: “Até quando, Catilina,



MARCO TÚLIO CÍCERO – O maior filósofo latino (Itália: 106 a.C. – 43 a.C.)

abusará de nossa paciência? Quanto zombará de nós ainda esse teu atrevimento? Onde vai dar tua desenfreada insolência? Não vês a todos inteirados da tua já reprimida conjuração? Julgas que algum de nós ignora o que obras-te na noite passada, onde estiveste, a quem convocaste, que resolução tomaste?” Cícero parece capaz de penetrar nos acontecimentos, com aguda lucidez.

Catilina foge, conspiradores são estrangulados, mas Cícero ainda enfren-

ta o cônsul Marco Antônio, a quem julgava fraco e desprezível. Depois teve que encarar o terceiro cônsul, Otávio, que já se preparava para se tornar o imperador Augusto e dar fim total à República. Cícero, que tinha o apoio e a admiração da multidão, foi exilado, apanhado numa liteira quando tentava embarcar num navio para a Macedônia. Cortaram-lhe a cabeça e as mãos, que foram pregadas no Fórum Romano. A esposa de Marco Antônio arrancou-lhe a língua e a trespassou com seu gancho de cabelo numa vingança contra o seu dom de falar. Mais tarde, o filho de Cícero anunciou a derrota naval de Marco Antônio ao sair do Egito e o imperador Augusto reconheceu que Cícero tinha sido um cidadão sábio que amara sua pátria.

Conheço tão bem essa história. Dei aulas de Literatura Latina por vários anos. Coloquei em meus filhos os nomes de Augusto e Otávio. A menina não se chama Cleópatra, é Leticia, minha alegria.

São inúmeras as passagens bíblicas que falam sobre a língua e o poder das palavras para bênção e maldição. Que os homens serão absolvidos ou condenados pelas palavras que tiverem dito.

“

O tratado que Cícero escreveu sobre a amizade é uma das mais belas páginas que li. Lições que me têm acompanhado como estímulo e conforto em várias situações”

Que se alguém não tropeça no falar é perfeito, capaz de dominar todo seu corpo. Que a língua é um pequeno órgão, mas pode atear fogo num bosque com uma simples fagulha. Que pode contaminar a pessoa por inteiro e incendiar o curso de sua vida.

Que tempo o nosso. Por toda parte línguas que açoitam, afrontam, tramam destruição, navalhas afiadas, cheias de engano e mentira, espadas, flechas envenenadas, armadilhas mortais, peçonha de víboras, lábios de falsidade. Palavras carregadas de dinamite. Perturbação nos ares. Mesmo amordaçada, a chama que alimentou Cícero vibra em meu coração de humanista.

A passagem da musa, em frente ao poeta do bar “O Ponto”

ABÍLIO LEITE DE BARROS

O cordão Cravo Vermelho naquele carnaval parecia invencível. As fantasias estavam perfeitas e o vestido da rainha, um deslumbramento, obra de uma figurinista, cheio de graça e virar de olhos, que se dizia ganhador de um prêmio em desfile no Rio de Janeiro, capital federal. Pelo avançado preço da fantasia, o presidente da agremiação exigiu dinheiro, pagamento antecipado ou garantia com papel assinado sobre

selos, fiadores e testemunhas, o que reduziu o número de candidatas à rainha. Dona Mafalda, num gesto de arrojo ou imprudência, manteve o nome de sua neta de 14 anos.

Agigantou-se na campanha eleitoral. Fazia o pé de ouvido entre os formadores de opinião e, conhecedora da falsidade humana, pegou-se também em cega fé com seu protetor São Jorge que, no pequeno oratório caseiro, passou a ser dia e noite iluminado. Mais ainda, para fechar o cerco, procurou

o Carrapato, macumbeiro competente que, dias atrás, na decisão do campeonato de futebol fechou o gol do Corumbaense onde o goleiro Pretola pegou tudo e mais dois pênaltis. Na realidade, a gentil senhora não precisava desses aflitos compromissos místicos, pois o grande trunfo para a vitória era a própria candidata, cuja beleza dispensava qualquer esforço de convencimento – a doce e suave Doroti.

Esses adjetivos lhe foram dados por festejado poeta municipal que, entre

libações etílicas e rara inspiração, chamou-a: “doce e suave flor do lodo brotada”. Sem dúvida era o primeiro verso de uma ode beleza que faria fluir de sua pena romântica e incomparável. Esse rasgo lírico deu-se pela passagem da Dona Mafalda e a rainha candidata em frente ao bar O Ponto, na Rua Delamore, onde, aos sábados à tarde, reunia a fina flor da intelectualidade boêmia da cidade. A senhora os cumprimentou com leve sorriso dirigido ao poeta; a futura rainha, com tímido olhar.

Alguém achou que a palavra “lodo”

era pesada e desmerecia o verso ao que o preclaro vate respondeu com um sorriso enigmático. Muitos anos mais tarde, quem ouvisse o Ari de Campos na esquina da Rua Quinze declamando a ode completa, de visíveis influências de Augusto dos Anjos, entenderia o sorriso e o enigma.

Um poeta menor, também presente, rapsodo especializado em acrósticos, não se conteve e, de imediato, para as duas primeiras letras do nome da rainha, portou:

Deusa divina que passais
Oh! Lenimento dos meus ais...

PADRE ERNESTO SAKSIDA

AUGUSTO CÉSAR PROENÇA

Em 1935, um jovem de apenas quinze anos aportava em Corumbá, com destino a Cuiabá, onde completaria seu noviciado, estudos pedagógicos e mestrado.

Vinha da Europa, da histórica e pequenina Dornberg, incrustada nos montes verdejantes da Eslovênia, país menor que o município de Corumbá, que antes da Primeira Guerra Mundial pertencia ao Império Austro-húngaro, após a eclosão desta guerra passou uma parte a pertencer à Itália e depois da Segunda Guerra Mundial foi possessão da Iugoslávia. Hoje é um país independente, fazendo fronteira com a Itália.

Nessa região sofrida por tantas

guerras e dominações ao longo dos séculos, de arte, cultura e costumes preservados, de lavouras cultivadas, montanhas nevadas e mares azuis, nasceu Ernesto Saksida, a 15 de outubro de 1919, o penúltimo filho de José Saksida e de Dona Catarina Vodopivec Saksida.

Da mãe, de quem herdou a sensibilidade e a humildade, até hoje o filho guarda a figura de uma mulher voltada aos afazeres domésticos, que vivia para o marido e os filhos, cumprindo com a missão de mãe e esposa extremosa, meiga e humilde. Do pai, de quem herdou a austeridade e a qualidade de líder, a imagem de um senhor austero, em tudo ponderado, cumpridor de deve-

res, espécie de conselheiro da família numerosa de onze filhos (cinco mulheres e seis homens) e da população de Dornberg, que o consultava quando tinha algo importante a ser resolvido e orientado. Além de todas essas qualidades, possuía, ainda, o pendur à música, durante toda a vida cultivou o canto popular e o religioso (tocava órgão na igreja e era responsável pelo Coral da cidade).

Não é de admirar, então, que o pai procurasse transmitir ao filho qualidades que possuía, o gosto pela música, pelo esporte, pelos mais respeitáveis padrões da educação tradicional eslava.

Quando Ernesto completou sete anos o pai o chamou e lhe disse que o vigário da paróquia indagava se ele queria ser padre. E Ernesto não teve

dúvida em responder que sim. Queria. Aos nove anos foi fazer o pré-aspirantado.

Aos dez anos entrou para o Seminário do episcopado, por sugestão do vigário da paróquia, que vislumbrava no menino uma grande vocação religiosa.

Mas se a vocação para a vida religiosa o chamava desde cedo, prematura será a sua decisão de enfrentar o rígido padrão de ensino voltado principalmente ao estudo de línguas latinas, do latim e do italiano, línguas estranhas para quem só falava o esloveno (idioma oficial da Eslovênia, ex-Iugoslávia).

Por essa razão, após alguns meses de estudo, Ernesto teve que se afastar do seminário, causando enorme contrariedade ao pai e ao seu próprio orgulho.

Retornou à vida pacata de sua cidadezinha, ao convívio da família, ao estudo da música, à vida esportiva (futebol o fascinava), enquanto aguardava alguma proposta, algum lugar onde pudesse continuar os estudos eclesásticos.

Em 1931, felizmente, abriu-se uma perspectiva para ele. Havia uma vaga em Bagnolo, lugarejo de Piemonte, perto de Turim e para lá seguiu.

Completava doze anos de idade e iria ingressar para sempre em uma nova vida: a de missionário salesiano, seguidor da Congregação e da educação pedagógica de São João Bosco.

Entre os países para os quais os novos missionários deveriam ser enviados, figuravam o Brasil e o Equador. Por uma combinação dos superiores foi-lhe destinado o Brasil.

NOTÍCIAS DA ACADEMIA

ACADÊMICOS DA ASL INTEGRAM PROGRAMAÇÃO OFICIAL DA 1ª FLIB – A Feira Literária de Bonito, que acontece de 08 a 11 de julho e homenageia o saudoso confrade Manoel de Barros, traz na programação acadêmicos da ASL, que estarão lançando livros autorais e também interagindo com o público na atividade “*Dedo de Prosa*”. Assim, no dia 09/07, tivemos os acadêmicos escritores Rubenio Marcelo, Guimarães Rocha e Elizabeth Fonseca; no dia 10/07, Augusto Proença e Theresa Hilcar;

EDITAL – ASL

O presidente da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras, no uso de suas atribuições e de acordo com o art. 4º do Estatuto da ASL, comunica que:

a. se encontram vagas, por falecimento de seus titulares, as cadeiras de nº 03, 26, 33 e 40;

b. os candidatos interessados em concorrer aos supraditos assentos poderão inscrever-se até o dia 27 de julho/2015;

c. para se habilitar a concorrer, o candidato deverá – de acordo com o parágrafo 3º do artigo mencionado – ter publicado obra original de significativo valor literário e cultural, possuir reputação ilibada e residência habitual no Estado de Mato Grosso do Sul;

e hoje, 11/07, teremos Henrique de Medeiros e Lucilene Machado, ao lado de outros convidados. A curadora da FLIB é a acadêmica Maria Adélia Menegazzo.

A Feira Literária de Bonito reúne dezenas de atividades literoculturais em espaços permanentes de visitação, exposição de livros, biblioteca e intervenções artísticas. A agenda de programação da FLIB tem início todos os dias às 7h30min, encerrando-se por volta das 22h. A entrada é gratuita.

d. o pleiteante deverá também ser apresentado oficialmente por três membros efetivos da ASL, excluídos os acadêmicos membros da atual Comissão Permanente de Análise de Candidatos;

e. para tanto, o interessado deverá encaminhar requerimento de inscrição dirigido à presidência desta Casa de Letras (Rua Rui Barbosa, 2624 – Centro – CEP. 79002-365 – Campo Grande/MS), acompanhado de *curriculum vitae* e exemplares das obras autorais publicadas, além dos documentos de apresentações referidos no item anterior.

Campo Grande, 11 de julho de 2015.
Reginaldo Alves de Araújo – Presidente

POESIAS

CONFRONTO DE IMAGENS (Versos Adolescentes...)

Você ri da magreza minha,
ri da minha cabeleira,
ri das roupas esquisitas,
mas não ri das brincadeiras...

Põe em tudo quanto faço
um lampejo de palhaço...
Ri dos meus olhos tristes,
ri do meu próprio riso...
Afinal,
você é o bem, eu sou o mal...

Conclusão: sou a imagem do inferno,
pelo que sou, pelo que visto.
E tanto é assim
que se eu partir
já chego a admitir
que você dará um fim
no retrato onde eu existo...
Mas há de se lembrar de mim,
assim como sou... Assim...
vendo o retrato de Cristo!

GERALDO RAMON PEREIRA

HOMO SAPIENS

Homem, que julgas ser perfeito e puro
(Como me dói sentir esta verdade),
Só vejo em ti, num sincronismo obscuro,
Um poço de ambição, de ódio e vaidade.

Amar aos outros como a si. Quem há-de?
O que saiu da cloaca do monturo,
Olhou pros céus, viu Deus na imensidade,
Galgou sorrindo as fimbrias do futuro.

Tu, que agregaste os elétrons fecundos,
A Ciência, a Arte Universal, os Mundos,
Mas não foste homem pra dizer: FUI EU!...

Beija da dor os cem milhões de estames,
Pois entre dois ladrões torpes e infames
Foi justamente onde Jesus morreu!

ALTEVIR ALENCAR